

Arte Xávega

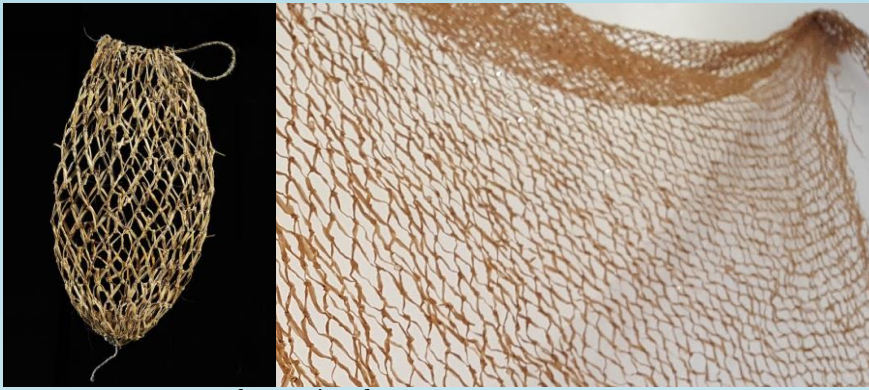
Uma pesca mult centenária na Meia Praia



Acção de Dinamização e Promoção Cultural e Turística “Preparar o Amanhã”
6 de Março de 2020
Paços do Concelho Séc. XXI

U.T.C.C.T.
D.E.C.C.A.S
Câmara Municipal de Lagos 

Nota: o autor escreve de acordo com a antiga ortografia



Apetrechos arcaicos de pesca



Quem passeia cedo pelo extenso areal da Meia Praia já terá deparado com a estranha actividade em que homens e mulheres se empenham em puxar, à força de braços, umas redes que vão emergindo do mar. É a Arte Xávega da Meia Praia.





História

Adaptação de texto do “Estudo Etnológico da Xávega da Meia Praia” da antropóloga Susana Santos

A pesca com redes de arrastar para a praia é usada desde há milhares de anos nos mares e rios de todo o mundo. Existem baixos-relevos do Antigo Egipto (c. 3000 a. C.) representando artes deste tipo.

Em Portugal o primeiro registo da presença de xávegas data de 1405 e é referente ao Algarve. Mas durante o domínio muçulmano já os algarvios usavam as redes de *chavega*. A própria denominação indica a proveniência da palavra árabe *shabaka* = rede.

Data de 1410 um documento referente à pesca com xávegas em Castro Marim. Julga-se que devido à instabilidade resultante do corso e da pirataria esta arte deixou de ser usada no Algarve durante algum tempo, reaparecendo no século XVIII, provavelmente vinda do litoral catalão para o Algarve, Aveiro e Galiza.

A xávega algarvia apresenta algumas diferenças em relação à arte praticada na costa ocidental, nomeadamente ao nível das dimensões e do número de panos de rede e da sua malhagem, bem como na morfologia das embarcações em resultado das diferentes características do mar na costa Oeste e na costa Sul.

No Século XIX a denominação ARTE usada pelas comunidades da costa Oeste funde-se com a denominação XÁVEGA usada pelas comunidades algarvias, adotando-se a terminologia que chega até aos nossos dias, Arte Xávega.

Em 1741 ocorre a contratação de um arrais de Ílhavo que se instala no Algarve com a sua companhia. A migração de populações de vocação marítima não era invulgar e está na origem de alguns povoados litorais. Exemplo disso é a comunidade do Bairro 25 de Abril, Meia Praia, com origem num assentamento de pescadores vindos de Monte Gordo.

A vetusta vocação marítima de Lagos é comprovada pelas descobertas arqueológicas realizadas no monte Molião, sítio ocupado desde a Idade do Ferro (séc. VI a. C.) até séc. I a. C. época romana imperial. Nas intervenções realizadas foram descobertos muitos objectos relacionados com a pesca (p.ex. anzóis, chumbadas, agulhas e pesos de rede).

Silva Lopes refere, em 1841: “... *hum barco chamado calão de 500 até 600 arrobas, ... he o que denominão Xavega, ou Arte*”. Os primeiros registos oficiais da arte xávega em Lagos são de 1899; e em 1906 Lagos apresenta dados referentes a uma arte, embora se conheça a existência de mais quatro que não pescaram nesse ano. Até meados do século XX os registos indicam a permanência de 2 a 4 artes xávega a laborar em Lagos.

Na Meia Praia existiam duas zonas distintas: a zona do apeadeiro da CP onde se fixou a comunidade vinda de Monte Gordo e a zona do Calvário, ou Duna, onde existiam outras xávegas; uma delas vinha de Quarteira com a sua companhia e por cá permaneciam durante a época da safra, cerca de quatro a cinco meses, vivendo, ali, nas dunas.

Durante os anos 60 era comum as xávegas da Meia Praia irem fazer a safra de Verão nas praias de Burgau, Salema, Boca do Rio, Furnas e Sagres. A mobilidade das companhias era um imperativo na procura dos melhores recursos piscícolas.

As artes contavam com uma companhia permanente mas recorriam ainda à ajuda de vizinhos, residentes nos campos circundantes, para puxar as redes, que eram mais pesadas do que as actuais por serem construídas em fio de algodão e protegidas com alcatrão; e também para puxar o calão, um barco de 14 metros de comprimento com 8 postos de remos, muito mais pesado do que a lancha utilizada actualmente.

A lota era feita no areal pela autoridade tributária, e o dinheiro da venda era dividido em três partes: uma para o proprietário do barco, outra para a embarcação e arte, e a terceira era dividida pela tripulação. Reservava-se algum pescado para dividir em quinhões iguais pelos membros da companhia.

Ao longo da década de 70 a arte xávega na Meia Praia foi diminuindo, e na década de 80, quase no limiar do seu desaparecimento, José Santos comprou as duas licenças de xávega que existiam na Salema e realocizou-as na Meia Praia, recuperando e mantendo o modo tradicional de laborar.

Em 1996 existiam duas matrículas de xávega no Algarve, uma em Quarteira e outra em Lagos. Em 2020 subsiste a de Lagos, a única do país que utiliza apenas a força braçal para alar as redes.

A Barca da Xávega



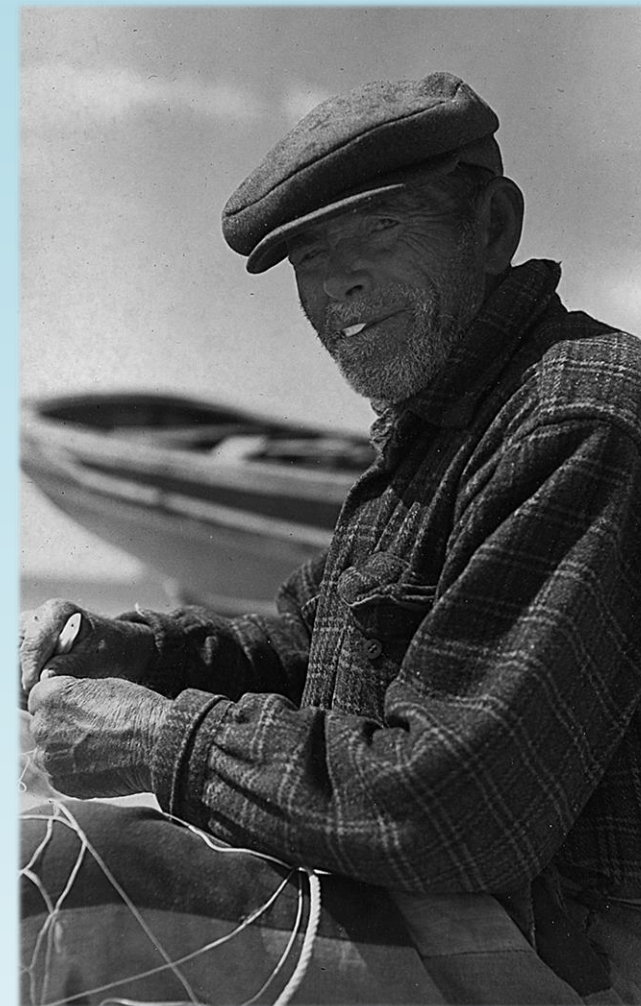
O Calão da Xávega



Calão da Xávega da Praia da Salema no Museu da Marinha



O Calão da Xávega “A Flôr da Meia Praia” - Meia Praia no início dos anos 60



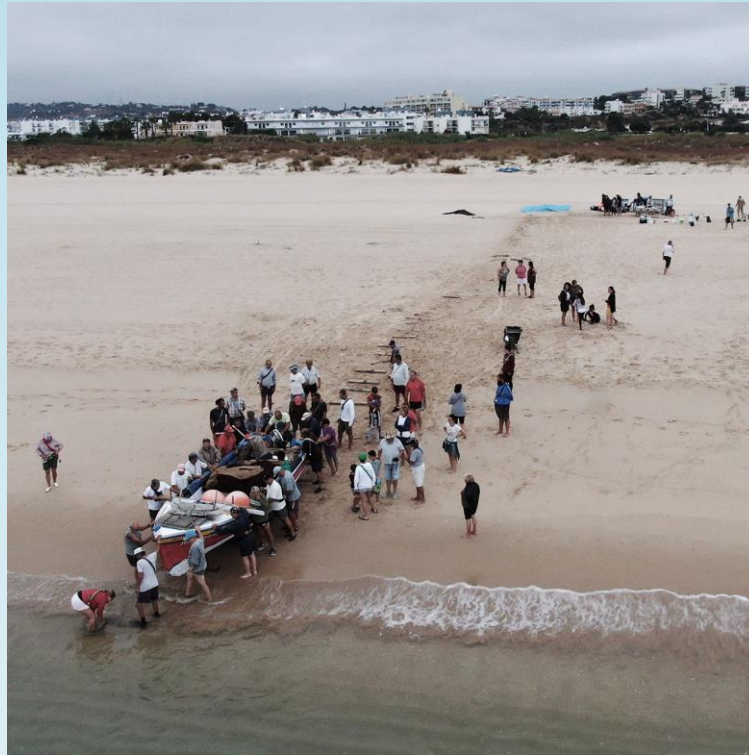
José Fuinha trabalhando na rede de uma xávega da Meia Praia, início dos anos 60

Descrição

Adaptação de texto do “Estudo Etnológico da Xávega da Meia Praia” da antropóloga Susana Santos

A arte xávega da Meia Praia é uma pesca tradicional com arte envolvente-arrastante e alagem para terra, cujo objetivo é capturar espécies costeiras. A arte é formada por uma rede com um saco central e duas asas laterais (ou mangas), que são ligadas às cordas (ou calas), por meio das quais se inicia a alagem da arte.

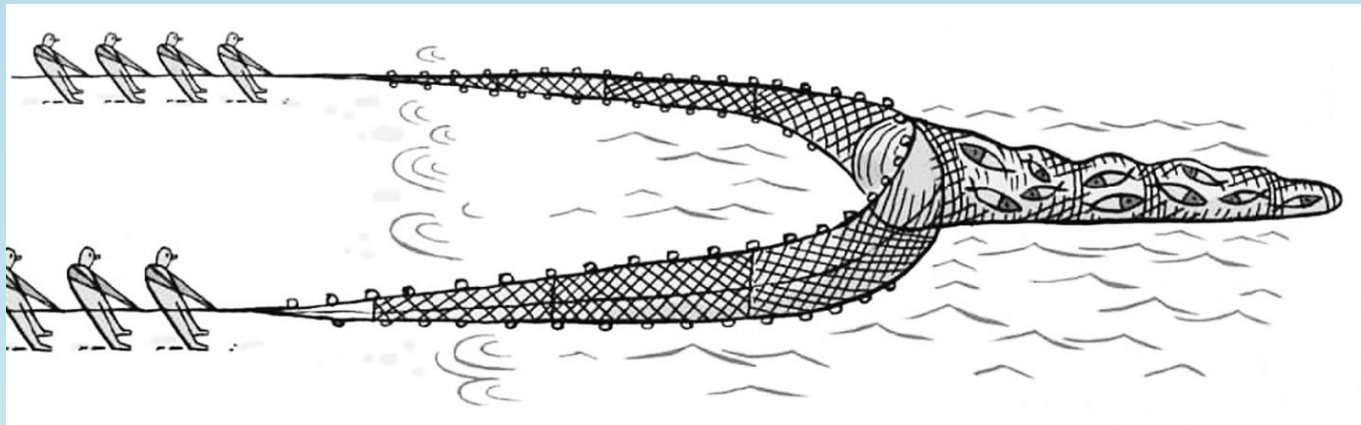
Lança-se a rede a partir de uma embarcação, deixando um cabo em terra, a “banda panda”, e regressando com o outro cabo, a “banda barca”, após a execução do cerco. Seguidamente a rede é puxada a braços pela companhia. A faina dura cerca de quatro horas, desde o lançar da embarcação até à conclusão do trabalho. Pelo que só é possível fazer um lanço por dia e, considerando que é necessário preparar e embarcar as redes para um novo lanço, a rede só é lançada, no máximo, três vezes por semana; na maré baixa ao nascer-do-sol.



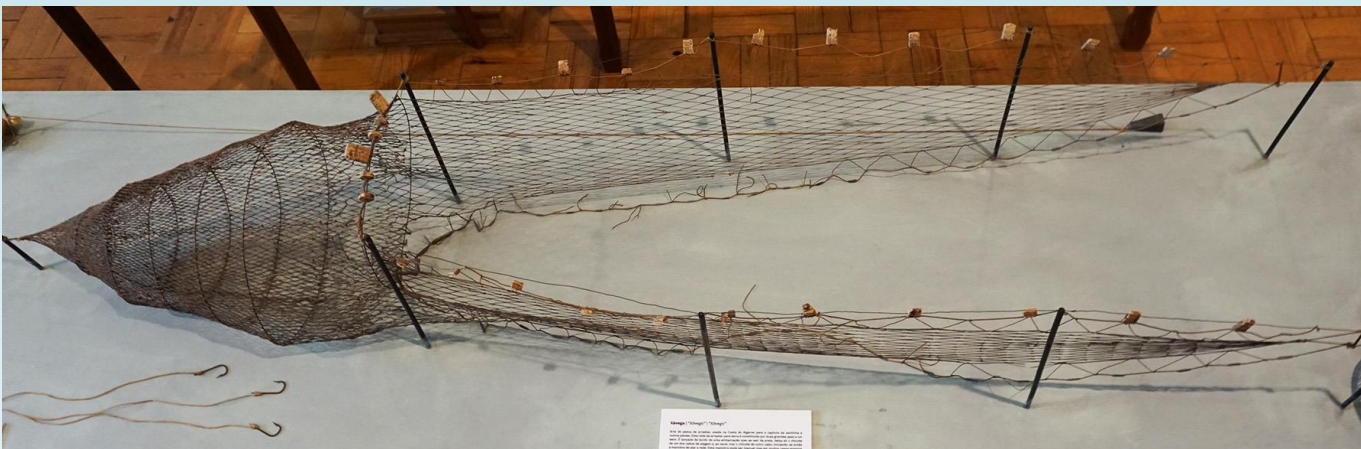
Os indivíduos que participam nesta actividade enquadram-se em dois grupos: os companheiros ou camaradas e os ajudantes ou ajudas. No primeiro grupo estão os indivíduos que desempenham funções específicas e no segundo grupo aqueles que acorrem para ajudar a puxar a arte e o barco, e na arrumação de todo o material.

Trata-se de um grupo heterogéneo, composto por homens e mulheres de faixas etárias variadas e de condição económica e socioprofissional diversa. Participam nesta faina para não deixar morrer a tradição, pelo convívio, e pelo prazer de obterem alguns bens alimentares colectados directamente da Natureza, pois, no fim, levam o quinhão de peixe devido pelo esforço realizado, depois de separada a melhor parte que vai à Lota.

Representações da Arte Xávega



Grafismo de uma Xávega da Caparica ilustrando a brochura “Arte-Xávega, Pesca Tradicional do concelho de Almada” ed. Câmara Municipal de Almada, 2018



Maqueta de uma Xávega. Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão, Faro

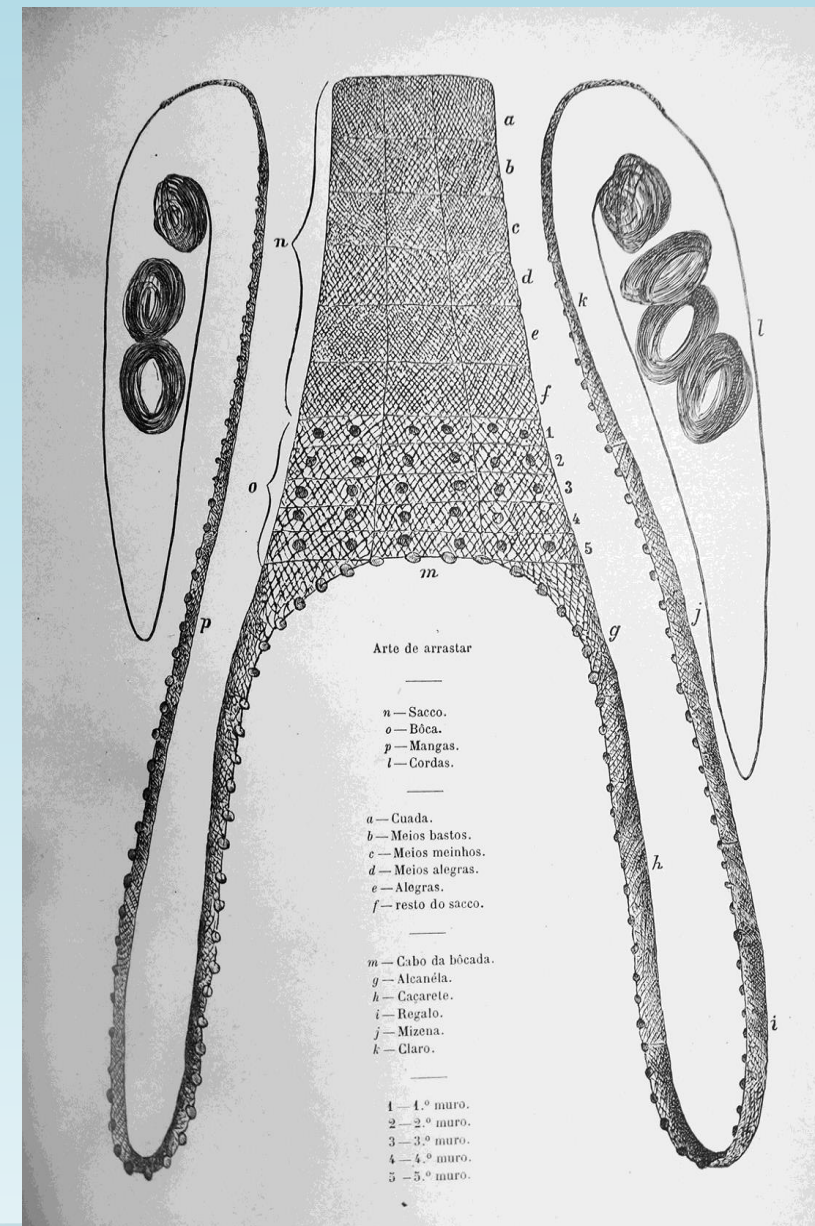


Ilustração da obra “Estado Actual das Pescas em Portugal” de Baldaque da Silva

A Arte Xávega* noutras terras

* Exemplos da tipologia de arte de pesca envolvente arrastante alada para terra

Dakar - Senegal



São Miguel do Gostoso - Rio Grande do Norte - Brasil



Costa da Caparica



Espinho



Gâmbia



Maputo - Moçambique



Leirosa



Kerala - Índia



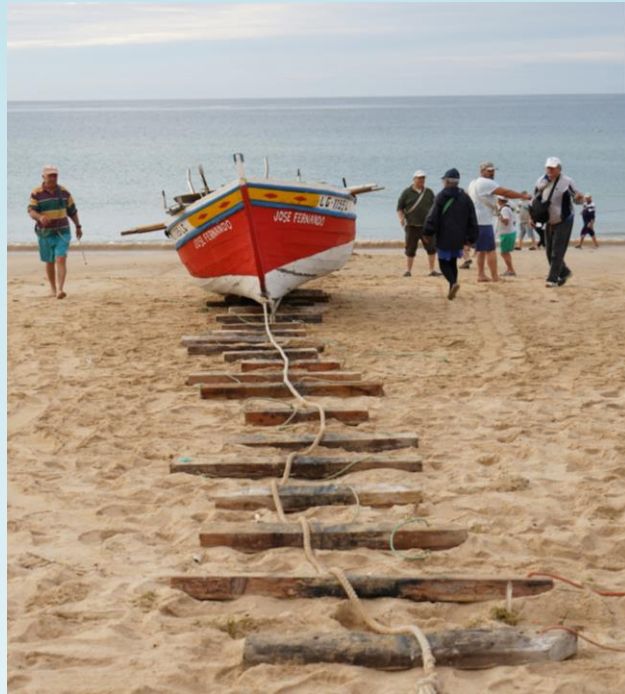
Inhambane - Moçambique



Mira



A lanca “José Fernando”
usada na Arte Xávega da Meia Praia
na actualidade



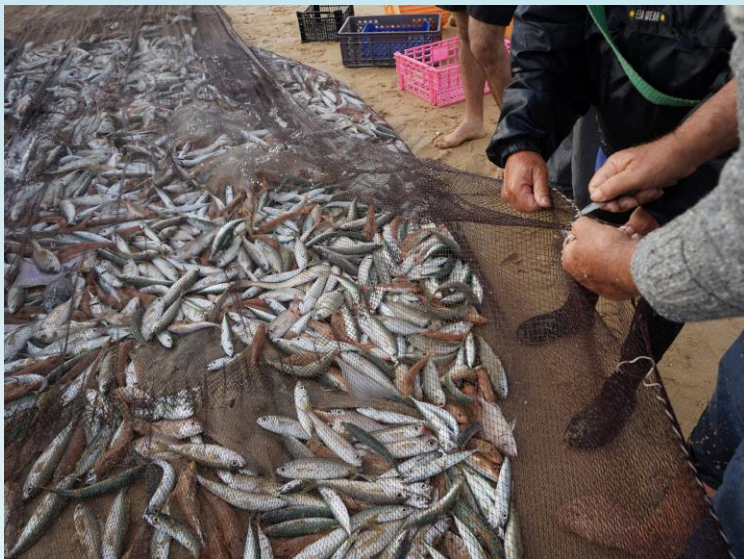
Actividade comunitária numa prática singular em Portugal



A chegada do saco com o pescado



Abrindo o saco



O mestre José Santos e o produto da faina



Separando o peixe



A roda do peixe



Espécies de pescado



Liça



Avária ou Robalo Baila



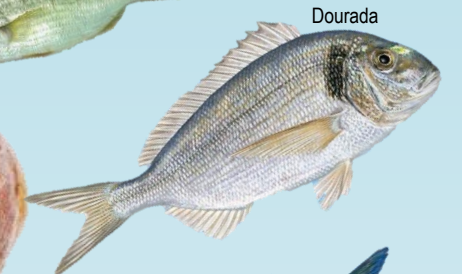
Boga



Ferreira



Choupa



Dourada



Salema



Polvo



Cavala



Sardinha



Safia



Besugo



Carapau



Bica



Choco



Lula



Linguado



Sargo



Raia



Salmonete



Cabra



Peixe-aranha



Convívio no “mata-bicho”



Remendando e preparando a rede



Factores comunitários diferenciadores e criadores de identidade:

Inequívoca vocação marítima de Lagos, quer devido à sua posição geográfica e riqueza das suas águas, quer pela dinâmica das populações que cedo ultrapassaram as actividades elementares rurais e recolectoras fluviais e costeiras; com testemunhos existentes ao longo da história que demonstram a importância social e económica das actividades marítimas.

Moldagem do carácter dos habitantes e da cultura das comunidades por influência das actividades marítimas, em aspectos como a alimentação, a língua, a construção naval, a ocupação do território, a predisposição para a navegação em mar aberto e a consequente participação em viagens oceânicas trans-continentais.

O contacto com outros povos e culturas que aqui chegaram (celtas, fenícios, romanos, árabes), ou que foram posteriormente alcançados pelos autóctones em África, Ásia, América e Oceania, e o consequente enriquecimento resultante dessas novas e diferentes experiências.

Xávega da Meia Praia - Uma actividade que não acontece para “turista ver” mas sim pelo impulso natural de continuar a tradição, mantendo viva esta manifestação cultural que assenta em laços estabelecidos pela comunidade, numa estreita ligação ao mar que alimenta o corpo e a alma.



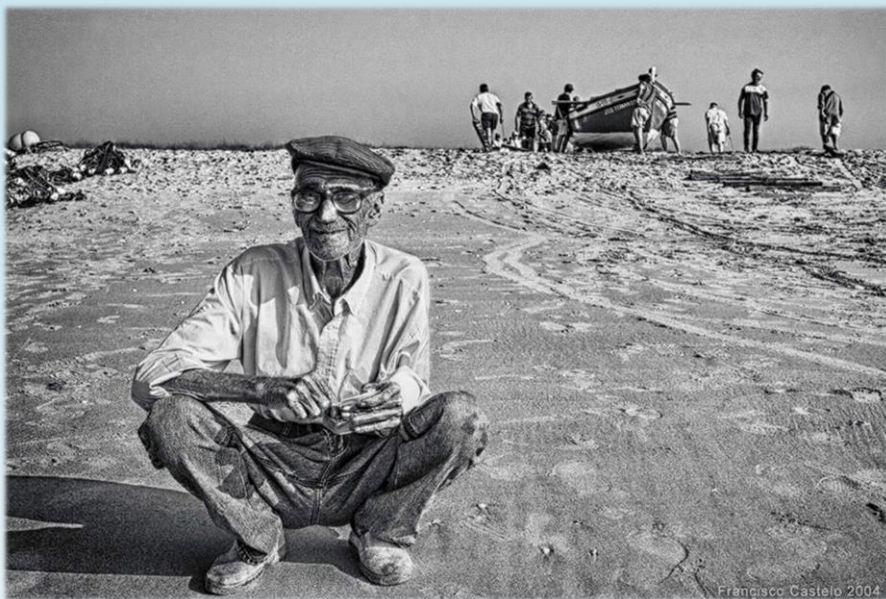
Em Dezembro de 2019 a Câmara Municipal de Lagos formalizou o pedido de inclusão desta arte piscatória no inventário nacional do Património Cultural Imaterial.

FONTES CONSULTADAS:

- AFONSO, Helena (2007) - *Arte Xávega em Kerala*. in <http://caxinas-a-freguesia.blogs.sapo.pt/209874.html> consulta em linha em 2019.05.20
- CASTELO Francisco (2013) - *Xávega e Chinchorro, duas artes diferentes*. in <http://caisdosul.blogspot.com/2012/08/xavega-e-chinchorro.html> consulta em linha em 2020.01.10
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1993) - *Barcos de Portugal*. Ílhavo: Museu Marítimo de Ílhavo.
- FONSECA, Senos (2014) - *As companhas da Xávega*. in <https://issuu.com/senosfonseca.com/docs/factos.companhas> consulta em linha em 2020.01.10
- GATO, Anabela Carvalho Santos Neto (2018) - *A prática da Arte Xávega e os seus percursos de resistência entre tradição e modernidade*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GUERREIRO, Mário (1961) - *Artes de chinchorro e xávega no barlavento algarvio*. Lagos: Jornal Ecos do Algarve: n.º 44, 1961
- MARQUES, Maria João (2011) - *Arte Xávega em Portugal, Uma arte secular em decadência*". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- ORTIGÃO, Ramalho (1896) - *O Culto da Arte em Portugal*. Lisboa: António Maria Pereira Livreiro-Editor.
- PEREIRA Olegário Nelson Azevedo, DIAS João Alveirinho, BASTOS Maria Rosário Bastos - *Considerações sobre a Arte Xávega em Portugal: Sua Introdução, Desenvolvimento e Teorias Inerentes*" in https://www.researchgate.net/publication/282650921_Consideracoes_sobre_a_arte_xavega_em_Portugal_sua_introducao_desenvolvimento_e_teorias_inerentes consulta em linha em 2020.01.10
- SANTOS, Susana (2019) - *Estudo Etnológico da Xávega da Meia Praia*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos
- SILVA, Baldaque A. A. (1891) - *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional

IMAGENS:

Fototeca Municipal de Lagos, Internet, e arquivo pessoal do autor



Arte Xávega

Uma pesca mult centenária na Meia Praia

*Francisco Castelo**

Fototeca Municipal de Lagos

Ação de Dinamização e Promoção Cultural e Turística “Preparar o Amanhã”

6 de Março de 2020

Paços do Concelho Séc. XXI

U.T.C.C.T.
D.E.C.C.A.S
Câmara Municipal de Lagos  dos Descobrimientos

*Fotógrafo - Bac. História, PG Direito Administrativo e Gestão Autárquica